

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Luciane Coimbra Peixoto

O COMPORTAMENTO AGRESSIVO NA SALA DE AULA

Belo Horizonte

2012

Luciane Coimbra Peixoto

O COMPORTAMENTO AGRESSIVO NA SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica

Orientadora: Maria Alice Moreira Lima

Belo Horizonte

2012

Luciane Coimbra Peixoto

O COMPORTAMENTO AGRESSIVO NA SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino na Educação Básica.

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Maria Alice Moreira Lima - Faculdade de Educação da UFMG

Libéria Rodrigues Neves - Faculdade de Educação da UFMG

Dedico este trabalho aos meus alunos da Escola Municipal Hugo Werneck, aos professores e funcionários que de algum modo contribuíram para a realização desta pesquisa e para meu aprendizado intelectual e de vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus por me conceder a coragem e força de vontade para realizar esse curso.

Aos meus filhos Rafael e Lucas pelo apoio e incentivo.

À minha orientadora Maria Alice pela compreensão, paciência e sensibilidade.

Aos professores do Laseb pela competência e qualidade dos conhecimentos adquiridos.

À todas as professoras da Escola Municipal Hugo Werneck e em especial às amigas e professoras Danielle de Assis e Jane Jacy que incentivaram e ajudaram na realização do plano de ação.

Às minhas amigas e parceiras do Laseb: Marisa Gomes e Rosana Maia, pela amizade, sintonia, apoio, incentivo.

À Faculdade de Educação da UFMG/LASEB.

À Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

“As nossas escolas têm procurado fazer com que nossas crianças se recolham para dentro de si e percam a agressividade – o instinto próprio do homem corajoso, capaz de vencer o perigo que se lhe apresenta”.

“Neidson Rodrigues”

RESUMO

O tema da Agressividade no espaço escolar tem sido um dos maiores problemas enfrentados por gestores e professores na rede pública de ensino. Não ocorre como um fato isolado e não pode ser confundida com violência. O assunto em questão é muito discutido entre professores, pais e comunidade em geral que reconhece o quanto a agressividade está presente na sociedade. Mas o que é agressividade?

Segundo a psicanálise, a agressividade é uma inclinação inata do homem e não pode ser tratada na escola como um distúrbio de comportamento.

A criança agressiva na sala de aula, necessita do apoio de todos os educadores. Esse tipo de criança possui dificuldade para lidar com suas subjetividades. Seu comportamento, suas emoções, seus sentimentos.

A subjetividade de cada ser é constituída culturalmente, socialmente e filosoficamente, assim como a agressividade.

Pensando na agressividade como inata, inerente, essencial ao homem, procurei desenvolver nesse trabalho reflexões e discussões, com o grupo de professores, buscando redimensionar o papel da agressividade, mostrando-a como sendo uma qualidade de todo ser humano.

Palavras-Chave: Agressividade, Comportamento agressivo, Educação, Escola.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DE CAMPO	11
3. JUSTIFICATIVA	21
4. OBJETIVOS	24
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
6. METODOLOGIA	29
7. AÇÃO PEDAGÓGICA	30
8. CONCLUSÃO	34
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1. INTRODUÇÃO

Meu trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal Hugo Werneck, localizada na região oeste de Belo Horizonte, Vila São Jorge, no bairro Nova Granada que atende aos moradores do Morro das Pedras e adjacências.

Recebemos alunos de famílias de baixa renda, com dificuldades de aprendizagem e sérios problemas sociais.

Meu plano de ação iniciou-se com uma turminha do 3º ano do 1º ciclo; que ainda se encontrava em processo de alfabetização, no ano de 2011. Eram alunos com muitas dificuldades, inclusive comportamentais. Possuía 3 (três) alunos de inclusão, com laudo médico. Os demais ainda não haviam sido diagnosticados por especialistas, mas acreditava que alguns padeciam de transtornos que mereceriam uma avaliação. Principalmente para que fossem mais bem trabalhados em todas as suas necessidades.

O meu grande desafio com esses alunos foi a questão da agressividade, que levava à indisciplina e conseqüentemente à dispersão. Eram alunos muito carentes. “Carentes de tudo”. Não conseguia entender o “porque” de tantas brigas e agressões, tanto físicas quanto morais. E essas agressões não ocorriam apenas em minha sala de aula, mas nas demais. Podíamos perceber isso claramente no período do recreio, quando todas “brincavam” juntas.

Tinha consciência de que eles vivenciavam muita violência e até mesmo a sofriam. Mas não aceitava e não compreendia que mesmo sendo tratados com carinho e respeito, retribuía com agressões.

Durante o período do curso de Pós Graduação, iniciei minhas observações e reflexões a despeito do tema AGRESSIVIDADE e levantei algumas hipóteses que poderiam influenciar ou ajudar a melhorar os comportamentos agressivos:

- a agressividade pode ser devido a transtornos ou problemas hereditários e/ou genéticos, neste sentido, seria uma patologia;
- a aula ou assunto, por vezes, não são interessantes e prazerosas para os alunos;
- a função e o papel do educador, enquanto transformador da realidade que vive e do seu trabalho diário;
- haveria uma relação entre o processo de alfabetização e tais comportamentos?

Partindo desses pontos problematizei alguns questionários que foram entregues aos professores, com questões afins. As respostas foram as mais variadas possíveis, mas foram muito proveitosas para o desenvolvimento de meu trabalho.

Foram feitas também, alguns questionamentos com os alunos, durante um “bate papo” informal, na rodinha, onde eles tentaram refletir e justificar as “brigas”.

No ano de 2012, assumi a coordenação da escola e minha proposta foi buscar através de reflexões com o grupo de professores redimensionar a temática agressividade.

Portanto, meu desafio durante esse trabalho, foi buscar entender o que é a AGRESSIVIDADE e o que os alunos querem dizer com seus comportamentos.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DE CAMPO

Histórico da Escola Municipal Hugo Werneck

Durante o mandato do prefeito Américo René Gianetti, na década de 50, foi feito um levantamento nos núcleos de população das vilas e periferias da cidade, para verificar o número de crianças, em idade escolar, que não estavam matriculadas nas escolas.



Dessa pesquisa verificou-se um número muito alto de crianças sem acesso à escola. Nesse contexto, o prefeito decidiu então inaugurar vários grupos escolares e escolas municipais nos bairros e vilas mais afastadas.

Assim, em 11 de maio de 1953 foi inaugurada uma escola na Vila São Jorge, regional oeste da capital. Essa escola recebeu o nome de *Escola Municipal Hugo Werneck*, pelo decreto n.223 de 6 de abril de 1953, em homenagem ao médico Dr. Hugo Eiras Furquim Werneck.

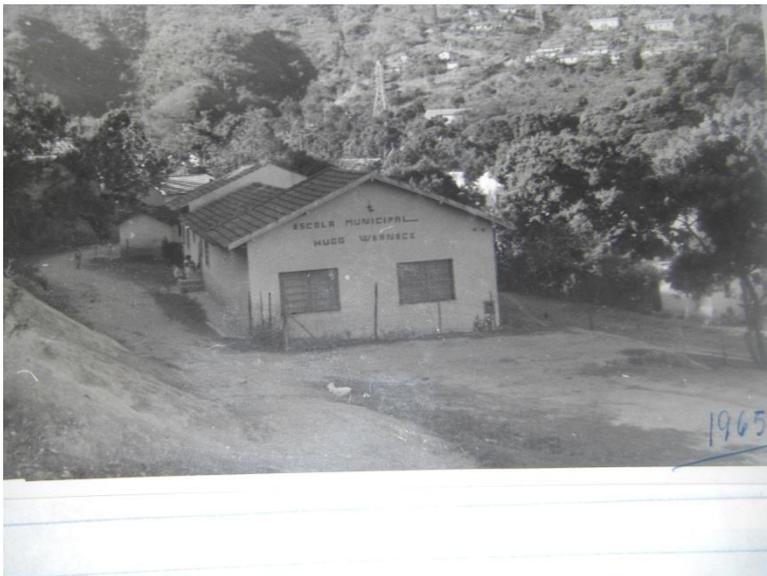
Em 1956, já no mandato de Celso de Melo Azevedo, o prédio foi ampliado, construíram-se mais duas salas de aula e o gabinete da diretora. A escola passou a contar com três salas de aula e a funcionar em dois turnos.



Em dezembro de 1958, a primeira turma composta por 22 alunos recebeu diploma de conclusão do curso primário. Os formandos tiveram como paraninfo, o Frei Aristides, um grande benfeitor da escola.



Somente em 1971, foi transferida para o “prédio novo”, local onde funciona atualmente e o seu nome foi elevado para Grupo Escolar. Em 1976, de acordo com a lei 5692, o grupo escolar volta à denominação de escola municipal.



Em setembro de 1976, de acordo com a lei 5.692, O Grupo Escolar recebe novamente a denominação de Escola Municipal Hugo Werneck. Foram quase 20 anos com ampliações e redefinições. Mas não parou por aí.

Em 1991, a Escola passou por uma ampliação de seu espaço físico e começou a funcionar em três turnos.

Nos anos seguintes, a administração da escola esteve sempre reformando e melhorando seu espaço físico e ambiental. Houve ampliação da biblioteca, a transferência da secretaria para o local onde funciona atualmente, implantação da sala de informática, reforma dos banheiros, entre outras melhorias.

A partir de 2007 o espaço escolar passa por várias intervenções em sua estrutura física. A começar pela construção do auditório, sala de mecanografia e sala de atendimento do PSE-Programa Saúde na Escola. A cantina e refeitório também são reformados, bem como os banheiros dos alunos. Há a adequação dos espaços melhorando a acessibilidade(rampa ,elevador e canaletas).



A reforma da sala de informática ampliou o atendimento para os alunos da Escola Integrada. Depois houve repaginação do jardim, construção do orquidário e horta. A fachada da escola é também reformada(muros e passeio),novos banheiros para funcionários são construídos. Nas salas de aula, o piso é trocado por cerâmica e é instalado aparelhos de TV e DVD em cada uma delas.

A mudança da sala da Direção e da Caixa Escolar, juntamente com as salas de Intervenção Pedagógica, trouxeram maior organização à escola. Foi criado um novo espaço para o atendimento da Escola Integrada , local onde os alunos são acolhidos em sua chegada.

Caracterização do Público



A Escola Municipal Hugo Werneck está localizada na Rua Oscar Trompowisky 1.372, Vila São Jorge, CEP-30431-177 em Belo Horizonte, Região Oeste da cidade.

A escola atende às comunidades da Vila São Jorge e do Aglomerado Morro das Pedras, que estão localizadas em seu entorno.

A comunidade Morro das Pedras iniciou-se a partir de 1920, quando iniciada a ocupação da região, até então formada por chácaras, fazendas, alguns casebres, nascentes e córregos.



Vista geral do Aglomerado Morro das Pedras

fonte:

portalpbh.pbh.gov.br

No início do século XX, nessa região havia uma pedreira, onde se extraíam pedras que serviam de matéria-prima para a construção de Belo Horizonte. A região foi ocupada em função dessa atividade extrativista e a área hoje é conhecida como Morro das Pedras.

Nos primeiros anos da década de 1960, todo o lixo da Capital passou a ser depositado indiscriminadamente, no mesmo local. Onde , anteriormente, era a pedreira passou a ser o “lixão”, e a atrair inúmeras famílias , que construíram suas moradias no seu entrono, vivendo dos detritos recolhidos no local.

Em 1971, um desmoronamento de lixo ocasionou a morte de várias pessoas. A partir desta tragédia, iniciou-se uma preocupação político-social com as famílias restantes. Em 1975, o lixo de Belo Horizonte passou a ser depositado no Aterro Sanitário da BR-040.

Nesse contexto este espaço foi sendo formado por famílias que com seus valores, suas histórias e culturas diferenciadas foram constituindo o chamado “Aglomerado Morro das Pedras.”

A comunidade Vila São Jorge é formada por um público que convive com desemprego, fome, violência e tráfico de drogas, e é também constituída por trabalhadores de baixo poder econômico. É uma comunidade marginalizada que tem constantemente, seus direitos humanos e sociais violados, e vive em condição de pobreza, conforme conceito utilizado por Abranches (1985:30):

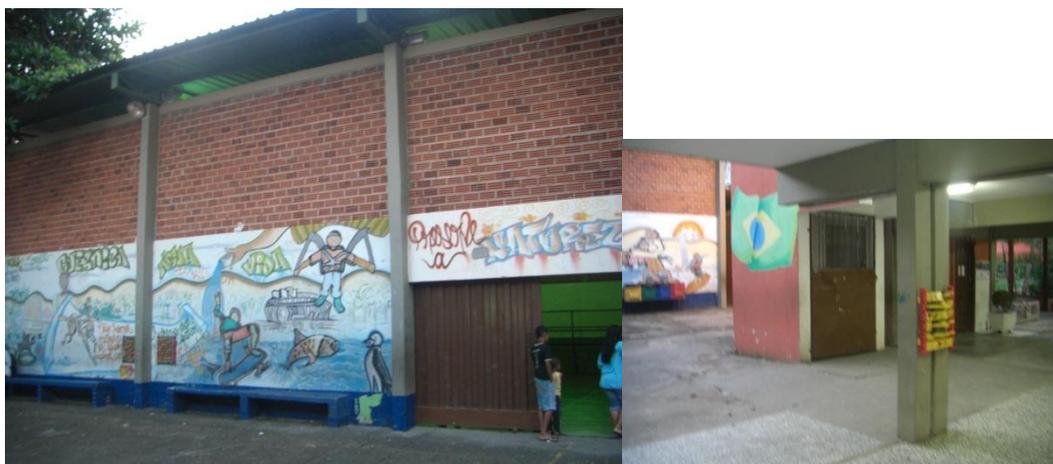
“Pobreza é destituição, marginalização e desproteção. Destituição dos meios de sobrevivência física; marginalização no usufruto dos benefícios do progresso e no acesso as oportunidades de emprego e renda ;desproteção por falta de amparo público e inoperância dos direitos básicos de cidadania, que incluem garantias à subsistência e ao bem-estar.” (Abranches,1985, apud Borges,2003 p.4)

Embora a comunidade seja parcialmente assistida por instituições governamentais e não-governamentais, com objetivos distintos e ações significativas que tentam promover a melhoria real das condições de vida dos moradores, a situação de pobreza e marginalização, como conceituada acima, persistia.

DO ESPAÇO FÍSICO

O espaço físico da escola é dividido em três grandes construções em blocos sendo que dois possuem dois andares e o terceiro apenas um andar. Espalhados pelos blocos funcionam: 13 salas de aula, biblioteca, cantina, sala dos professores, sala de informática, banheiros, sala de coordenação pedagógica, secretaria, caixa escolar, diretoria, auditório/sala de balé.

Na área central da escola há uma quadra poliesportiva coberta. Atrás da quadra coberta temos um espaço reservado para jogos e brincadeiras realizadas pela Escola Integrada.



A quadra coberta e o pátio externo da escola são utilizados nos finais de semana pela comunidade com atividades esportivas pelo Projeto Escola Aberta e Projeto Fica Vivo.

Todo o espaço restante é utilizado como pátio ao ar livre. É arborizado e possui, como se pode ver, um lindo jardim



Relação Escola x Comunidade

Muitos estudiosos em educação falam da importância e dos benefícios do contato entre escola e família/comunidade e como esse diálogo pode gerar novas fontes de inovação, atualização pedagógica, mediando um bom funcionamento escolar.

Embora também seja reconhecida na própria legislação nacional a obrigação e a importância da família/ comunidade para o desenvolvimento pedagógico, atualmente podemos perceber um distanciamento das instituições escola e família.

De acordo com os registros da escola em que trabalho, durante o seu processo de construção e expansão, a comunidade esteve muito presente, participando e se envolvendo com as questões da escola. Lê-se na Ata de Colegiado de 1991, que toda a comunidade se mobilizou e fez um grande mutirão para a realização das obras de ampliação do espaço da escola.

Contudo, ao longo de sua história começou a ocorrer um distanciamento ou enfraquecimento dessa parceria. Atualmente a comunidade está muito ausente. Há necessidade de integrar a família ao cotidiano escolar, em função principalmente dos problemas relacionados ao desenvolvimento dos alunos nos aspectos cognitivo, social e emocional. Há também necessidade de chamar a atenção das famílias para a questão da violência e indisciplina presentes no espaço escolar, e para assim juntas buscar estratégias que possam contribuir para o melhor funcionamento da escola.

A escola tem investido em ações como o projeto “Tecendo laços, fortalecendo afetos”, que contemplam essa aproximação. Entretanto o envolvimento e a participação têm sido muito pequenos. Realiza também reuniões de pais nas quais são apresentados resultados, processos e metodologias de aprendizagem.

Proposta Pedagógica

A organização do trabalho da escola está de acordo com os pressupostos da Escola Plural da rede municipal de Belo Horizonte e busca considerar os indivíduos, seus tempos e ritmos de desenvolvimento.

Desde 2010 a escola tem discutido e se articulado para a elaboração do Projeto Pedagógico da escola. Contudo, como esses momentos de reflexão têm sido vinculados às reuniões remuneradas*, a participação não tem envolvido toda a comunidade escolar.

Construir coletivamente o projeto é discutir as intenções e ações possíveis e futuras de todos os envolvidos. É isso que a escola está fazendo:

- discutindo entre os professores participantes dos encontros e buscando alternativas para a participação indireta dos não participantes dos encontros presenciais em 2010 para que a escola possa construir os marcos do PPP.



Imagem feita coletivamente no processo

Alguns fatores colocam para a escola tal necessidade, tais como:

-as mudanças no contexto mundial, nacional e local, principalmente no tocante à Educação Escolar;

-as reformas educacionais que atingem o cotidiano da escola, no caso de Belo Horizonte a Reforma que propõe à escola a organização do trabalho em ciclos, as competências e os eixos que devem informar o trabalho pedagógico, como a construção da autonomia, o tratamento da informação e a participação na vida social e, por último, a necessidade de implementação das proposições curriculares.

- a formação e as demandas específicas de educadores que analisam o contexto e os estudantes, considerando as especificidades dos sujeitos que se formam na escola;
- as dificuldades advindas da inserção da rede municipal de Belo Horizonte em uma política de avaliação externa.

Ao longo de todo processo de discussão do PPP a escola contou com a participação direta dos educadores e indireta dos familiares de estudantes com a produção de cartazes aqui registrados pelas imagens.

A redação desse documento retrata as reflexões e anseios de todos os envolvidos no processo educativo da escola, mas que precisa ser desenvolvido sem entrar em contradição nem com a LDB 9692/96 e as Diretrizes de Belo Horizonte. A ampliação do debate coletivo precisa pautar-se nessas diretrizes para pensar e planejar o que acham melhor para a escola.

3. JUSTIFICATIVA

O presente trabalho aborda uma discussão acerca do comportamento agressivo em sala de aula e o que os alunos querem dizer com seus comportamentos.

O interesse para um aprofundamento nesse tema e nas possíveis alternativas de se trabalhar com a agressividade presente em sala de aula e na escola como um todo, foi devido à experiência prática como docente em estar lidando com vários tipos de comportamentos ligados ao tema.

O comportamento agressivo de crianças e adolescentes é um tema que preocupa pais, educadores e sociedade em geral. A crescente desestruturação familiar torna cada vez mais frágil o conceito de limite, ética e responsabilidade social. Como resposta natural a criança apresenta dificuldade de relacionamento e frustração.

A agressividade está alcançando grandes proporções dentro e fora da escola. A falta de motivação dos alunos para o envolvimento na aprendizagem é angustiante, o que, por outro lado também, leva os professores a desanimarem frente às dificuldades cotidianas com os alunos.

Os jovens com comportamento agressivo são discriminados pela escola, pela sociedade e até pela família, baixam sua autoestima o que resulta em atitudes agressivas contra todos e contra si mesmos, o que pode resultar em vícios de toda ordem ou até mesmo a criminalidade.

Ao se estudar o tema foi importante analisar que a agressividade não está envolvida somente dentro da sala de aula, assim como suas causas podem estar relacionadas a vários fatores que podem estar ligados ao emocional do aluno, à família, sociedade, instituição escolar e a vários problemas que podem surgir desde os primeiros anos de vida.

A agressividade, segundo a psicanálise, é uma inclinação inata do homem e não pode ser tratada na escola como um distúrbio de comportamento.

A criança agressiva na sala de aula, necessita de apoio de todos os educadores. Esse tipo de criança possui dificuldade para lidar com suas subjetividades. Seu comportamento, suas emoções, seus sentimentos. A subjetividade de cada ser é construída culturalmente, socialmente e filosoficamente, assim como a agressividade.

Uma criança que não é permitida mostrar suas potencialidades e habilidades terão dificuldades de fazer coisas e produzir. Restam para elas atos agressivos para chamar atenção dos adultos.

O trabalho enfoca a agressividade com os vários fatores que a influenciam, estabelecendo conexões entre a família, a sociedade e a escola dentro do processo de aprendizagem do aluno.

Como o professor deve agir diante de uma situação de indisciplina e como trabalhar com estes alunos e diagnosticar as possíveis causas para descobrir a melhor maneira de compreendê-los, tentando estabelecer um elo de ligação entre os conteúdos disponíveis, a competência intelectual e a autonomia do sujeito.

A criança agressiva é repleta de culpa, fruto de suas frustrações. Se sentem culpadas por tudo.

O preconceito nos meios sociais e educacionais contra a agressividade se agrava quando é tomada como sinônimo de violência, negando assim o papel estruturante que ela tem na dimensão afetiva do indivíduo.

Em o *“Mal-Estar da Civilização”* (1930) Freud apresenta como tese o fato da cultura produzir um mal-estar nos seres humanos, visto que existe um antagonismo intransponível entre as exigências da pulsão e as da civilização. Assim, para o bem da sociedade o indivíduo é sacrificado – a vida sexual do homem e sua agressividade são severamente prejudicadas.

Portanto, com o objetivo de instigar professores a uma discussão sobre a

AGRESSIVIDADE, pensando nela como inerente, inseparável, essencial ao ser humano, foi elaborada essa pesquisa e proposto um plano de ação para a Escola Municipal Hugo Werneck.

4. OBJETIVOS

➤ GERAL

- Investigar, por meio de discussões, reflexões, observações, análises, pesquisas, entrevistas, o comportamento agressivo em sala de aula e o que os alunos pretendem nos dizer com seus comportamentos.

➤ ESPECÍFICOS

- Propor leituras de textos, pelos professores, dentro de uma bibliografia específica, onde coloca a agressividade como inerente ao homem;
- Identificar as características sociais da comunidade nas quais as crianças estão inseridas,
- Buscar através de questionários e entrevistas com alunos e professores as possíveis formas para minimizar o problema da agressividade na sala de aula e na escola;
- Observar o comportamento diário das crianças, perante jogos e brincadeiras livres e/ou direcionadas;
- Desenvolver a autonomia;
- Elevar a autoestima dos alunos;
- Estimular a convivência entre professores e alunos em outros espaços da escola, além das salas de aula;
- Construir um plano de ação que possa minimizar os resultados apresentados na Escola Municipal Hugo Werneck

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO” (1930)

Volume XXI – Sigmund Freud (1856 – 1939)

Freud não distingue civilização de cultura, define civilização como tudo aquilo que difere o homem da vida animal, que o afasta de sua natureza. Assim, a civilização englobaria tanto o controle do homem perante a Natureza como o conjunto de regulamentos que regem os relacionamentos humanos.

De acordo com Freud, inicialmente existiria um pai onipotente, possuidor de todas as mulheres e de uma vontade arbitrária e absoluta. Esse pai seria assassinado pelos filhos e a partir disso se estabeleceria um contrato social para garantir que nenhum deles tomasse o lugar do pai. Assim, a partir do parricídio se constituiria uma organização social que marcaria a origem da civilização. O tabu do incesto surge aí como a primeira lei que fundamenta uma sociedade, uma vez que o incesto é de natureza antissocial.

Em “*O Mal-Estar da Civilização*” (1930) Freud apresenta como tese o fato da cultura produzir um mal-estar nos seres humanos, visto que existe um antagonismo intransponível entre as exigências da pulsão e as da civilização. Assim, para o bem da sociedade o indivíduo é sacrificado: para que a civilização possa se desenvolver o homem tem que pagar o preço da renúncia da satisfação pulsional (a vida sexual do homem e sua agressividade são severamente prejudicadas).

O autor salienta que todo indivíduo é inimigo da civilização, já que em todos os homens existem tendências destrutivas, antissociais e anti-culturais. A civilização, portanto, trava uma luta constante contra o homem isolado e sua liberdade, substituindo o poder do indivíduo pelo poder da comunidade.

“Uma satisfação irrestrita de todas as necessidades apresenta-se como o método mais tentador de conduzir nossas vidas; isso, porém, significa colocar o gozo antes da cautela, acarretando logo o seu próprio castigo”.

Freud afirma que, apesar dos esforços da sociedade sempre existirá uma parte da humanidade que, em função de alguma patologia ou do excesso de pulsão, permanecerá associal.

Freud destaca a função da religião como conservadora da sociedade humana. O autor fundamenta que a raiz de toda religião deve-se a uma defesa do homem contra o estado de desamparo infantil que persiste até a vida adulta. A religião, assim, responderia ao anseio por um pai poderoso que oferecesse segurança, proteção (poupa os homens de uma neurose individual ao preço de deixá-los num estado de infantilismo psicológico, submetidos ao que chama de um delírio de massa).

Afirma que a natureza do homem exige este tipo de controle para que ele possa viver em sociedade. Dessa forma, se a religião fosse extinta, inevitavelmente, o homem criaria outro sistema de doutrinas com as mesmas características para se defender.

Freud assevera que a civilização tem como tarefa evitar o sofrimento e oferecer segurança, colocando o prazer a segundo plano. Em função do fato da satisfação pulsional ser sempre parcial (episódica) as possibilidades de felicidade tornam-se restritas (o autor desenvolve o conceito de felicidade como algo subjetivo: *“A felicidade constitui um problema de economia da libido do indivíduo”*).

“O programa de tornar-se feliz, que o princípio de prazer nos impõe não pode ser realizado; contudo, não devemos – na verdade, não podemos – abandonar nossos esforços de aproximá-lo da consecução, de uma maneira ou de outra”.

Para Freud, o sofrimento humano provém de três fatores principais: do corpo, do mundo externo e dos relacionamentos.

Em seu texto, aponta para alguns métodos existentes na sociedade humana para evitar o sofrimento e buscar a felicidade (mesmo que parcial).

Entre os métodos menciona o uso de drogas, a sublimação das pulsões, o trabalho,

as fantasias, o remodelamento delirante da realidade, o amor e a enfermidade neurótica (sintomas são satisfações substitutivas para desejos não realizados).

Freud destaca a sublimação como um método com diferentes qualidades metapsicológicas, embora não seja acessível a todas as pessoas e falhe quando a fonte do sofrimento provém do próprio corpo. Para ele a sublimação da pulsão é fundamental para o desenvolvimento cultural, é o que torna possível as atividades psíquicas superiores.

O autor também enfatiza o amor como um dos fundamentos da comunidade (*“Amar o próximo como a si mesmo”*). No entanto, assevera que a relação do amor com a civilização é ambígua: por um lado se coloca em oposição aos interesses da sociedade e por outro, a civilização o ameaça com suas restrições às satisfações pulsionais.

Freud trata de três aspectos fundamentais que estão entrelaçados à noção de civilização: a angústia, a agressividade e o sentimento de culpa.

Ele retoma seu texto *“Mais Além do Princípio do Prazer”* (1920), onde afirma a existência da pulsão de morte em todas as pessoas. Descreve essa pulsão como apresentando um caráter conservador e uma tendência à repetição, que busca reconduzir o indivíduo a seu estado inorgânico. Para o autor, a pulsão de morte seria um grande impedimento para a civilização.

“...essa tendência à agressão, que podemos perceber em nós mesmos e cuja existência supomos também nos outros, constitui o fator principal da perturbação em nossas relações com o próximo; é ela que impõe tantos esforços à civilização”.

As pulsões agressivas do homem encontram limites, por exemplo, no que Freud denomina de *“Narcisismo das pequenas diferenças”*, onde um grupo se uniria no amor, manifestando sua agressividade para fora.

Freud afirma que quando a agressividade não pode ser externalizada ela é introjetada, dirigida ao próprio ego. Assim, uma parte do ego se coloca contra o resto

do ego, na forma de superego.

É a partir do conceito de superego que o autor passa a desenvolver o termo sentimento de culpa, apontando por ele como um aspecto central da relação do indivíduo com a cultura.

O autor denomina como sentimento de culpa a tensão ente o ego e o superego, onde existiria uma necessidade de punição. Freud distingue duas origens do sentimento de culpa: o medo de uma autoridade exterior (anterior à formação do superego) e o medo do superego. No primeiro caso, a renúncia pulsional seria suficiente para evitar o sentimento de culpa, no entanto, no segundo caso esta renúncia não bastaria, já que se o desejo persiste a culpa aparece (ações e intenções não são distintas).

Para Freud, há uma estreita relação entre a civilização e o sentimento de culpa. A civilização só alcança o objetivo de manter os seres humanos ligados através de um crescente fortalecimento de culpa, desenvolvendo um superego cuja influência produz a evolução cultural.

6. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para realização do plano de ação na Escola Municipal Hugo Werneck, foram as seguintes:

- Pesquisa bibliográfica;
- Entrevistas;
- Questionários;
- Dinâmicas;
- Oficinas de teatro, jogos, músicas, brincadeiras;
- Atividades extraclases, como passeios, visitas, excursões;
- Contação de histórias que levem a reflexão do comportamento social;
- Adequação de atividades de acordo com o perfil dos alunos;
- Reflexões e discussões com professores sobre a temática agressividade.

7. AÇÃO PEDAGÓGICA

O ponto de partida para a elaboração de um plano de intervenção sob o tema AGRESSIVIDADE, foi a busca de um apoio bibliográfico que me desse clareza do conceito de agressividade e de conceitos como culpa, frustração, recalque, dentre outros. E partindo dessas leituras e reflexões, exercer a capacidade de observação mais apurada da rotina diária de minha sala de aula e em todos os espaços da escola. Com base nas leituras e observações, tentar elaborar junto a professores e alunos procurando abranger todas as nuances possíveis que possa nos remeter à compreensão das relações professor/aluno, professor/escola, aluno/escola, aluno/família, família/escola, professor/gestor, professor/administrador.

Foi realizado inicialmente um questionário para as professoras da escola, abordando as seguintes questões:

- O que é agressividade para você?
- Como você reage em situação de agressividade em sua sala de aula?
- Que atitudes ou combinados você utiliza para minimizar esse tipo de situação?

O retorno dado pelas professoras foi muito restrito, poucas responderam ao questionário.

Foi realizado, também, entrevista com os alunos. Na rodinha, bem informal, sem críticas, de forma natural, da seguinte forma:

- Por que brigam?

Porque me provocou, mexeu comigo. Porque eu me estressei. Falou mal da minha mãe.

- Acha legal bater?

Acho não, não gosto de bater.

Eu já acho legal é uma forma de punição, para ele não mexer comigo mais.

- Sua mãe te bate?

Sim, dá castigo.

- Você acha que é certo?

Sim. Deve bater para corrigir. Deve colocar de castigo. Tirar o que mais gosta.

- Sua mãe manda bater? Não levar desaforo para casa?

Manda não. Mas não gosta quando chego machucado ou quando alguém me bate.

Foi feita também uma entrevista com um aluno considerado muito agressivo. Esse aluno é muito esperto e inteligente e está na escola desde 2010, portanto ele cursa o 3º ano do 1º ciclo. Está com oito anos e desde sua entrada na escola seu comportamento é considerado violento. Não aceita ordens facilmente, chuta, bate, grita, rasga atividades e emite palavrões constantemente.

Suas atitudes não condizem com uma criança de apenas oito anos e inteligente. Só não o é mais devido a seu comportamento. Ele é chamado na escola de o “homem bomba”.

A entrevista feita foi a seguinte:

Nome: Otávio, 8 anos.

Pai – Antonio e Mãe Cleide.

- Quem deu seu nome?

Minha mãe.

- Você possui irmãos?

Sim. O Julio de 17 anos e a Maria Eduarda de 3 anos.

- Com que mora? Quantas pessoas moram com você?

Meu pai, minha mãe, o Julio e a Maria Eduarda.

- Você frequenta a escola integrada?

Não.

- A tarde você está na escola, o que faz pela manhã?

Fico na rua, soltando papagaio na lage.

- *Você costuma brigar na rua?*

Sim. Com vários meninos. Mexem comigo. Me chamam de bebê monstro. Foi o Pedrinho quem colocou. Ele é mais velho que eu.

- *Seus pais costumam te bater?*

Sim. Batem quando faço coisas erradas.

- *O que faz de errado?*

Bato na minha irmã. Ela provoca. Mexe comigo. Fala que eu não tomo banho.

- *Quem são seus amigos na escola?*

Só o Michael.

- *Por que briga?*

Eles provocam, mexem comigo. Me chamam de bebê monstro.

- *Por que você mandou sua professora para aquele lugar?*

Ela me xingou. Os meninos fazem gracinha e ela briga só comigo.

- *Isso é sempre?*

É, as outras professoras também. Eu chamo a professora, eu falo e elas não fazem nada, aí eu bato.

- *Acha certo bater?*

Não.

- *Gosta de apanhar?*

Lógico que não.

- *Então porque bate?*

Para eles não mexerem comigo.

Otávio, aparentemente pertence à uma família estruturada, seus pais moram juntos e sua mãe sempre que solicitada comparece. Frequentou a escola integrada somente um semestre no ano de 2010. Foi praticamente “convidado” a sair. Infelizmente não deram conta dele.

A pesquisa teve como ponto de partida a avaliação e observação dos comportamentos agressivos durante as brincadeiras livres e/ou direcionadas e durante as aulas de Educação Física e também durante as atividades coletivas, com

participação de outras salas. Apresentações de teatro, cinemas, etc.

Foram observados também, os modos como respondem às provocações e críticas.

Nas discussões e reflexões com os professores as respostas foram as mais variadas. Entendem a agressividade como indisciplina, falta de respeito, reflexo do meio em que vivem, pais agressivos, falta de limites.

A discussão da temática com os professores ainda não foi esgotada. Foi sugerido leituras sobre a temática. Elaboração de pesquisas de opinião, entrevistas anotadas e gravadas com professores, alunos e funcionários, farão parte desse trabalho.

No encontro realizado com os mesmos foi debatida a agressividade como inerente ao homem e as análises de Freud. Foi colocada a agressividade como uma qualidade de todo ser humano e não como um distúrbio de comportamento. Os resultados da discussão foram mais interessantes e despertaram maior interesse e análise dos participantes. Mas ainda não foram completamente esgotados. Faremos outros encontros para darmos continuidade e para que eu possa incrementar minha pesquisa e embasar meu plano de ação.

8. CONCLUSÃO

Essa pesquisa foi feita na Escola Municipal Hugo Werneck, onde ingressei no ano de 2008, exatamente no dia 24 de fevereiro, para trabalhar com crianças do 1º ciclo.

Quando lá cheguei me deparei com profissionais angustiados, agressivos, revoltados, insatisfeitos e nem um pouco amáveis e receptivos.

A escola encontrava-se em um momento de transição, com nova direção e um IDEB muito baixo. Praticamente quase todos os professores tinham “dobras garantidas”. Mas devido ao baixo índice do IDEB a regional entrevistou e mandou acabar com as tais dobradas. Foi nesse momento que ingressei na escola juntamente com outras três professoras e logicamente não fomos muito bem recebidas.

Na sala de aula pude observar o tratamento dado aos alunos. Essas professoras tentavam manter as crianças em silêncio absoluto, quando passava pela porta de alguma sala, parecia que não havia ninguém, não se escutava nem a respiração dos alunos.

Nos encontros na sala de professores, no curto espaço do intervalo do recreio, somente vivenciávamos reclamações.

Portanto ao iniciar este curso de especialização, minhas angústias e expectativas eram várias e minha insatisfação perante a realidade educacional enorme.

Mas aos poucos essas inquietações foram sendo respondidas, minha esperança aumentou e meu olhar mudou.

É lógico que ainda não possuo soluções, nem tenho tantas pretensões para alcançá-las. Mas acredito que nós, profissionais da educação, podemos fazer a diferença e com certeza mudar essa realidade com tantas desigualdades sociais, tantas mazelas e injustiças.

Hoje acredito mais no poder da “palavra” como meio de transformação. E nós professores possuímos esse poder e temos obrigação de ofertar a palavra. É através dela que a cura pode ocorrer.

Meu trabalho ainda está sendo desenvolvido, mas é possível concluir que a questão da agressividade ultrapassa os muros da escola. A família é essencial nessa construção, pois é nela onde os primeiros exemplos de amor, diálogo, respeito ao outro e práticas saudáveis e construtivas são desenvolvidas.

Portanto, sem pretensão de esgotar o assunto, restam ainda muitas perguntas e reflexões, que com certeza irão resultar noutros trabalhos.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na Civilização. Volume XXI. (1930)

LOPES, A. A., Neto. Comportamento agressivo entre estudantes. (2005)

TIBA, Içami. Quem ama educa! SP:Gente, 2002

GENTILE, Paola. O corpo ajuda o aluno a aprender. Nova Escola, São Paulo, 2005

Artigo on line – Maria Audenora das Neves Silva Martins, Uma visão psicanalítica da agressividade, do brinquedo e da brincadeira na escola.

Artigo on line – João Carvalho Neto, Psicanalista.

Textos Paulo Freire, Vygotsk, Tânia Zagury

JARES, Xesús R. Educação para a paz: sua teoria e sua prática; trad. Fátima Murad – 2.ed. Ver. e ampl. – Porto Alegre : Artmed, 2002.

Sites “Mundo Educação”, Wikipédia”, “Webartigos.com”, “Psicologia”.